

O FRIGORÍFICO DA SADIA EM TOLEDO-PR (1965-1979): PUBLICIDADE E RECRUTAMENTO DE TRABALHADORES

Antônio de Pádua Bosi ¹

Resumo: Este artigo discute a constituição do Frigorífico SADIA no município de Toledo-PR, no período de 1965 a 1979, enfatizando a formação da imagem positiva projetada por ela mesma como estratégia para (i) recrutar mão de obra e (ii) ser aceita pelos habitantes da cidade. Ao mesmo tempo, busca-se abordar e explorar as percepções de trabalhadores empregados na SADIA nos anos 60 e 70 relativamente a ela. O manuseio e análise das fontes priorizou a relação da SADIA com os trabalhadores entrevistados e a relação da SADIA com setores das classes dominantes da cidade. Desse modo, o resultado desse artigo explicita encontros protagonizados nessas relações e distintas leituras sobre esse processo histórico.

Palavras-Chave: SADIA; Frigorífico; Toledo-PR.

Abstract: This article discusses the formation of the SADIA Slaughterhouse in the Toledo-PR, from 1965 to 1979, with emphasis on the process of creation the positive image of itself as a strategy to recruit workers and to be accepted by the inhabitants of the city. At the same time, I try to approach and explore the perceptions of workers employed in SADIA in the 1960s and 1970s about.. The work and analysis of the sources showed tensions and contradictions involving the relationship between SADIA and the workers interviewed, and the relationship between SADIA and sectors of the dominant classes of the city.

Keywords: SADIA; Slaughterhouse; Toledo-PR.

1. Introdução

O tema desse artigo é a propaganda em jornais realizada pelo frigorífico da SADIA, sediado em Toledo-PR, relativamente à construção de sua reputação na cidade e ao recrutamento de trabalhadores durante a década de 1970. Pretendo

¹ Professor Associado do Colegiado de Graduação e Pós-Graduação de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Marechal Cândido Rondon. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2. Membro do Grupo de Pesquisa "História Social do Trabalho e da Cidade (UNIOESTE/CNPq) E-mail: antonio_bosi@hotmail.com

ARTIGOS

explorar esse assunto de um ponto de vista histórico a partir de dois objetivos. Um deles está enunciado acima. Diz respeito à constituição da primeira grande indústria da região Oeste do Paraná e da primeira geração de trabalhadores fabris.

É mais ou menos claro que não se deve esperar muito dessa proposta. Não há como evitar que ela esteja limitada pela documentação disponível e pela dificuldade de transitar dos indícios e vestígios para evidências. Foi dentro desse quadro que realizei a exposição dos argumentos e do trabalho heurístico, a preparação e articulação das fontes com os propósitos desse texto.

Tal esforço traduz o segundo ponto a ser examinado aqui, um exercício de manejo e análise histórica de uma matéria publicitária da Sadia, relacionada ao tema, divulgada na imprensa de Toledo ao longo da década de 1970 e representativa de outras localizadas durante a pesquisa. Ela foi escolhida também porque expressa a intenção de a SADIA de legitimar em meio à população de Toledo e de construir uma imagem de si mesma que fosse funcional à recrutamento de trabalhadores. Com isso, espero oferecer referências para reflexão e debate a respeito da produção da história e da historiografia sobre esse assunto e o campo mais amplo da História Social do Trabalho.

Por último, na definição do período coberto pela investigação considerei a primeira década de funcionamento da Sadia no município e a disponibilidade de trabalhadores remanescentes desse intervalo de tempo.

2. Antecedentes Históricos

Um ponto sólido para avaliar a escolha de Toledo para a instalação do frigorífico da SADIA reside no fornecimento de matéria prima.

Pode-se fixar nos anos 40 do século passado a presença humana organizada pelo capital no Oeste do Paraná. A reocupação da região foi operada pela Colonizadora Rio Paraná. Esta empresa loteou terras para a constituição de minifúndios e desconheceu os direitos da população nativa àquele lugar. Os compradores chegaram, principalmente, dos estados de Santa Catarina e do Rio

ARTIGOS

Grande do Sul. Em média os minifúndios mediam 25 hectares, e este tamanho determinou um tipo de agricultura de pequenas lavouras diversificadas.

As relações capitalistas na região se desenvolveram assentadas nessa estrutura fundiária, num ritmo razoavelmente acelerado. A dinâmica dessa economia dividiu-se entre a produção para o mercado e o abastecimento interno. Nos minifúndios se produzia arroz, feijão, trigo e, principalmente, milho - grande parte consumida por porcos. Os relatos de muitos “colonos” (pequenos proprietários) da região de Toledo, com 70 ou mais anos de idade, afirmaram categoricamente que era raro uma propriedade sem chiqueiros. O que as distinguia era a capacidade de cada pocilga. Nos anos 50 e 60, famílias de migrantes, donas de pequenas propriedades, alavancaram um processo de acumulação de capital apoiado na criação e no comércio de porco vivo. Na década de 1950 aproximadamente 70% daquelas famílias direcionavam sua vara de porcos para o comércio. E até os anos 60 a quase totalidade desses animais ia para frigoríficos em São Paulo e em Ponta Grossa².

O aumento da produção de milho na região, base da alimentação dos porcos, foi progressivo, saltando das dezenas de milhares para as toneladas. A produção saltou de 57 mil toneladas em 1956 para 124 mil toneladas em 1959. Quatro anos depois a produção atingiu 336 mil toneladas, alcançando 482 mil em 1965. Nesses nove anos a quantidade de milho colhida cresceu aproximadamente 700%³.

Também é verdadeiro que a agricultura, de modo geral, avolumou-se ancorada na mecanização da produção e na inovação tecnológica. No final dos anos 60 havia aproximadamente 200 tratores para aproximadamente 52 mil propriedades na região. Apenas metade das propriedades contava com debulhadeiras. A carroça era o principal meio de transporte, a maioria dos arados era de tração animal e se fazia a colheita manualmente. Em 1975, cerca de 10 anos

² MULLER, Keith D. *Colonização Pioneira no Sul do Brasil: O caso de Toledo, Paraná*. In *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 48(1): 83-139, jan./mar., 1986.

³ IPARDES. *Consequências Sociais das Transformações Tecnológicas na Agricultura do Paraná*. Texto Síntese. Curitiba, 1985.

ARTIGOS

depois, a região contava com 10.126 tratores, 13.684 arados de tração mecânica e 5.368 colheitadeiras. O quadro havia mudado.

A utilidade desses números para esse texto está em mostrar a formação de uma região caracteristicamente agrícola, cujo dinamismo da economia preparou as condições para a introdução - ou criação - de empresas e cooperativas agroindustriais que beneficiavam (e beneficiam) os produtos primários, soja, milho, porco etc.

Foi essa característica que motivou a criação do Frigorífico Pioneiro, erguido com capital local no início da década de 1960. Atílio Fontana, fundador da SADIA, registrou em sua autobiografia que escolheu Toledo para a instalação do frigorífico em função, principalmente, da “grande produção de suínos” na região. O fato de haver lá outro frigorífico instalado e em funcionamento, o Frigorífico Pioneiro pesou nessa decisão. Fontana esclareceu que se tratava de um pequeno frigorífico, “em franca decadência”, Frigorífico Pioneiro, “muito mal instalado”, comprado “para não precipitar [seu] fechamento” devido à edificação de um novo⁴. Consciente ou inconscientemente muitos estudos acadêmicos legitimaram esta narrativa à medida que ressaltaram os progressos da agricultura, da suinocultura, da avicultura etc., como elemento incontestável na dinâmica social da região.

A respeito desse ponto é preciso mencionar indícios de que o processo de aquisição do antigo Frigorífico Pioneiro moveu-se de maneira tensa e turbulenta, com a resistência de parte dos acionistas em venderem suas cotas. Mas cabe investigação mais específica sobre isso. Cito isso porque é um elemento importante na avaliação sobre a reformulação do frigorífico sem a presença majoritária dos sócios que fundaram a empresa, todos radicados em Toledo. Certo é que o dinamismo da SADIA contribuiu para sedimentar o mercado de suínos na região. Uma vez resolvido o problema de matéria prima restava ainda equacionar a falta de força de trabalho com baixa qualificação. Para os postos de trabalho considerados complexos seriam deslocados trabalhadores de outros frigoríficos.⁵

⁴ FONTANA, Atílio. *História da Minha Vida*. São Paulo: Editora Vozes, 1980, p.235.

⁵ Informações obtidas no trabalho de campo.

ARTIGOS

Por conclusão, pressionava o frigorífico um abastecimento (e uma reserva) de trabalhadores cujos números não havia no município em suficiência. A recrutamento de trabalhadores de longa distância era uma opção. A constituição inicial de condições anexas ao salário – como moradia, refeitório, plano de saúde – compôs o repertório de atrações de trabalhadores para a empresa. E como tentarei argumentar, o frigorífico necessitava mostrar-se um grande empreendimento, algo que merecesse a confiança dos moradores da cidade e região.

3. A SADIA por ela mesma

A quantidade de registros do frigorífico da SADIA preservados é pequena. Mas há indícios seguros para delimitar e discutir a visão da empresa sobre si mesma, e de determinado grupo social dominante sobre ela. Tentarei explorá-los até os limites que considero adequados.

Selecionei uma matéria publicitária sobre a SADIA, referida à década de 1970. Trata-se de matéria paga pela SADIA, fato que aponta a intenção da empresa em comunicar certo ponto de vista para os leitores. Encontrei outras da década de 1970. É verdadeiro também que periódicos de pouca monta firmavam-se financeiramente a depender dos anúncios de empresas como a SADIA. Muitas vezes esta relação era mais de cortesia do que comercial. De qualquer modo, a mensagem vinculada à matéria expressa os interesses da empresa.

Publicada no extinto jornal “A Voz do Oeste”, sediado em Toledo a matéria data de 15 de novembro de 1970, número 49. Ela está estruturada em quatro tópicos. Os dois primeiros abordam vantagens que a SADIA carrou até a cidade de Toledo. Os outros dois destacam o padrão de higiene praticado no processamento da carne no frigorífico e convidam pequenos proprietários a criarem frangos (atividade que a empresa investiria fortemente nos anos 80 até se tornar prioridade nos anos 90). Fecha a matéria uma imagem legendada sobre o abate de porcos por meio de “atordoamento por choque elétrico”, ressaltado como um método moderno.

ARTIGOS

O método aqui é bem convencional. Tentarei identificar criticamente a configuração externa do documento. Em seguida, uma vez caracterizada a natureza dessa fonte (temporalidade, espacialidade, intencionalidade, suporte físico e público), analisarei a lógica da narrativa e os pontos abordados explícita e implicitamente. A ideia é evoluir até o esgotamento das possibilidades.

De modo geral, a matéria foi construída para formar uma imagem positiva da SADIA sediada em Toledo. São três os argumentos mais importantes que sedimentam tal imagem: (i) a desqualificação de certo discurso nativo contrário à SADIA, (ii) a SADIA teria iniciado novo tempo de prosperidade econômica em Toledo, (iii) sua intervenção na organização da suinocultura conseguira modernizar os métodos de criação dos porcos.

A censura às práticas de pecuaristas e suinocultores anteriormente à compra do Frigorífico Pioneiro pela SADIA é uma formulação curiosa porque desqualifica os criadores de porcos como forma de legitimar a SADIA. O “antes” e o “depois” demarcariam uma mudança de marcha na economia local e, a superação das condições adversas de manejo dos animais. Seus “métodos racionais”, opostos a “maneira empírica” de lidar com os porcos, agregara maior valor ao produto entregue a SADIA pelo produtor. A SADIA teria ainda promovido a “circulação constante” de dinheiro para os três setores da economia local, abastecido generosamente os “cofres públicos” e melhorado o poder aquisitivo da população ali residente.

A SADIA por ela mesma é um retrato vigoroso. Por óbvio a projeção das virtudes auto atribuídas visava algum tipo de resistência que lhe era feita. Uma hipótese razoável a respeito de supostos questionamentos à SADIA é que as queixas seriam de autoria dos antigos acionistas, ou de parte deles. Alguns entrevistados citaram o descontentamento de acionistas do frigorífico devido à venda de suas cotas para a empresa de Attilio Fontana. Não mencionaram nomes, o que impossibilitou conhecer mais sobre este assunto. Por outro lado, a informação que deram ajuda a entender ao menos uma fração das reclamações que a SADIA imputou a “detratores” e “caluniadores” na matéria do jornal. A argumentação da

ARTIGOS

SADIA em defesa de si mesma indica que havia na cidade, em alguma medida, uma resistência a sua presença. Certamente havia dificuldade de enraizamento ou de estabilização da empresa na cidade. Isso requereu da SADIA uma resposta agressiva.

Na matéria do jornal, a memória oficial acerca da reocupação do Oeste pelos autodenominados pioneiros é propositalmente coligada à compra do Frigorífico Pioneiro pela SADIA. Historicamente os dois eventos vinculados têm temporalidades distintas, separadas por quatro décadas. A reocupação do Oeste do Paraná, em 1940, e a aquisição do Frigorífico Pioneiro, em 1970. Mas no plano simbólico, e subliminarmente, os dois acontecimentos são igualmente nivelados em sua importância histórica. Nesse caso, a SADIA se nutre da imagem do evento “fundador” de Toledo - ou o reivindica para si. Ao mesmo tempo essa operação subordina o passado de Toledo à presença da SADIA, especialmente as famílias envolvidas com a suinocultura. Para a SADIA a referência aos melhoramentos técnicos e tecnológicos na criação de porcos assinalaria o evidente atraso do “colono suinocultor” antes da compra do Frigorífico Pioneiro. A adoção de “métodos racionais” em oposição à “maneira empírica” do trabalho dos suinocultores arrastaria consigo a ideia de superação de uma realidade arcaica. Assim, a SADIA se qualifica como protagonista relativamente aos suinocultores. Tal lógica foi estendida à economia local à medida que a presença modernizada do frigorífico teria adicionado mais dinheiro no comércio, nas indústrias e na arrecadação pública.

De fato, a participação da SADIA na arrecadação de impostos é um elemento mensurável. Em 1970 sua produção havia superado em três ou quatro centenas percentuais o desempenho do antigo Frigorífico Pioneiro. Foi um fato que passou a habitar, crescentemente, o imaginário da população. Seu impacto na indústria também pode ser aferido. Nesse caso, empresas conectadas indiretamente à SADIA, na condição de prestadoras de serviço ou de fabricantes de derivados do frigorífico (como couro, por exemplo), só impulsionaram a economia no início da

ARTIGOS

década de 1980⁶. De qualquer modo, todos entrevistados foram unânimes em reafirmar a importância da SADIA para a cidade, embora a maioria deles tenham apresentado sinceras dificuldades em conjugar a imagem positiva da SADIA com alto grau de exploração praticado na linha de produção. Conta ainda a favor dessa ideia de progresso de Toledo promovido pela SADIA, a ramificação de uma cadeia produtiva ligada ao frigorífico, estruturada, fundamentalmente, na criação de suínos e na instalação de uma fábrica de ração – que por sua vez demandavam safras de milho. Ainda a critério da SADIA os argumentos sublinhavam números relevantes acerca da quantidade de animais abatidos, de empregos, de salários pagos e de recolhimento de impostos.

A narrativa autorizada pela SADIA se articula às imagens da página do jornal reproduzida anteriormente. Legendadas, elas foram publicadas para expressar dimensões de grandiosidade, modernidade e avanço. De um ponto de vista teórico seria ocioso explicar longamente que as imagens são parte integrante da elaboração de um discurso⁷. Mais importante é analisá-las.

A foto da planta produtiva do frigorífico, realizada do alto, é ressaltada na matéria publicitária. A legenda, “Vista aérea das modernas instalações do Frigorífico Pioneiro S.A., unidade SADIA em Toledo”, aparentemente neutra, orienta a interpretação da foto a partir de três informações: “modernas”, “Frigorífico Pioneiro S.A.” e “unidade SADIA”. Decorre disso um sentido histórico que conecta subalternamente o Frigorífico Pioneiro à SADIA. Uma vez adquirido pela SADIA, o frigorífico – antes denominado Pioneiro – se torna moderno, não somente porque tem sua planta reformada, mas também porque é convertido numa unidade produtiva da SADIA. Desse modo, todo esforço representado na matéria vincula-se à nova temporalidade histórica que explica aquele tempo presente, “antes da SADIA” e “depois da SADIA”.

⁶ BORGES Et al. *Cadeias produtivas no desenvolvimento regional: o caso de Toledo no Oeste do estado do Paraná. V Ecopar. Encontro de Economia Paranaense. Curitiba, 2007. Disponível em <http://www.ers.usda.gov/AmberWaves/>. Acesso 15 Abr. 2011.*

⁷ VOLVELLE, Michel. *Imagens e Imaginário na História. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Editora Ática, 1997.*

ARTIGOS

É difícil pensar uma perspectiva diferente dessa. Alguém que tenha vivido uma experiência de algum modo marcante com o frigorífico poderá produzir uma leitura alternativa a da matéria. Seguem-se prováveis casos. Algum criador de suínos ou um fornecedor que se sinta prejudicado no comércio com a SADIA, trabalhadores descontentes com as condições de trabalho, com o ritmo das tarefas ou com o autoritarismo dos chefes. São pessoas que, por diversas razões, guardam uma memória afetiva desfavorável ao antigo Frigorífico Pioneiro. Mas é improvável (mesmo para os que tinham uma visão negativa da SADIA na cidade) que a imagem da planta produtiva registrada na matéria não tenha retido a atenção dos leitores, exatamente por suas robustas dimensões. Igualmente, entrevistados indicaram que a presença física do frigorífico, a oferta de empregos e uma ideia geral de que a economia local havia mudado de marcha, confirmavam a leitura que a SADIA fazia de si mesma.

Num estrato mais profundo e menos óbvio de análise, encontraremos uma força que é exercida sobre – ou em relação – a cognição dos leitores. Diz respeito a que tipo de atitude os moradores de Toledo deveriam ter a partir da presença incontestada do frigorífico e de seus impactos na cidade. Neste caso se trata menos do conteúdo e mais da projeção de valores e de sentimentos que podiam se conectar com os leitores, com seu universo cultural e com suas expectativas pessoais (quem eu penso ser, quem eu gostaria de ser, por exemplo). Não são ligações fáceis de fazer e de perceber. Por meio da publicidade o frigorífico buscou estabelecer um contato sutil com a cidade e desse contato ele esperava que os moradores se identificassem consigo.

Uma das ideias referidas a modernidade e ao avanço tecnológico se encontra exibida na imagem do abate de suínos “com aplicação de atordoamento por choque elétrico”. A demonstração dessa prática contrastava com o conhecimento tradicionalmente empregado no abate de porcos. Grande parte da população estava familiarizada com o abate do animal, fosse devido à cultura do trabalho na economia dos minifúndios, ou pelo contato indireto com esse método considerado único há séculos. ‘

ARTIGOS

É preciso ressaltar que o conteúdo dessa matéria publicitária não foi construído sobre temas de interesse geral. Eles dependiam de um universo cultural específico, particular, cujo contexto estava alicerçado em Toledo. Muitas vezes o abate, o retalhamento, a desossa e a produção de embutidos da carne de porco conformavam uma atividade que envolvia toda a família sob a denominação de “carnear”.

Não por acaso o envolvimento nessa atividade mantinha regularidade e gravava, em quem participava, uma sociabilidade que conseguia importante lugar na memória. Por tudo isso, a publicidade feita pela SADIÁ manejava elementos do universo cultural da maioria da população e, ao mesmo tempo, surpreendia os leitores com a inovação tecnológica estampada no jornal. Por óbvio, esperava-se uma reação positiva relativamente à imagem que se pretendia da SADIÁ. Chegamos até aqui e devemos parar.

A história desse frigorífico também pode ser contada estatisticamente. Interessa aqui o período que vai da compra do frigorífico Pioneiro ao ano de 1975, quando essa planta produtiva se consolidou como a maior e mais importante da SADIÁ. Sob o controle da SADIÁ desde 1964 o frigorífico passou por mudanças estruturais relevantes como a reparação de telhados e paredes, a substituição de maquinário obsoleto utilizado para abater e preparar as carcaças, a instalação de câmaras frias e a recuperação de equipamentos mais simples.

No ano seguinte, a produção havia praticamente duplicado relativamente aos anos anteriores, registrando um abate médio de 100 suínos por dia. No ano de 1969, a Frigobrás (nova denominação do frigorífico) abateu 173.199 cabeças, aproximadamente 474 por dia, 374 a mais da produção registrada quatro anos atrás⁸. Ajuda a avaliar o desempenho do frigorífico em 1969 o fato de ter sido responsável sozinho por 43% de toda a produção do Paraná, num contexto em que

⁸ CARVALHO, M. et al. Uma leitura da modernização da suinocultura: História, agropecuária e bem-estar animal – Paraná, Brasil (1960-1980). In: *Expedições. Teoria da História & Historiografia*. Ano 7 – N. 2. pp.119-140 – Agosto-Dezembro de 2016.

ARTIGOS

a região Sul do país tinha metade do rebanho nacional⁹. Seis anos depois, em 1975, inteiramente controlado pela SADIA, o frigorífico abatia 369 mil cabeças, o equivalente a 38,6% dos abates no Estado, que já era o 1º no ranking nacional desde 1970.

Essa evolução dos números oferece um retrato do dinamismo do Frigorífico Pioneiro sob o domínio da SADIA. Conforme se estende esse exame para as décadas seguintes se vê um crescimento estável, com pequenas curvas negativas coincidentes com crises do mercado internacional de forte impacto no país, a exemplo de 1982. No âmbito do Paraná, mesmo considerando a abertura de novos frigoríficos e o aumento da produção das antigas plantas produtivas, a SADIA alcançou 47,14% de todos os abates realizados no ano de 1984. Quanto aos trabalhadores, seu recrutamento e a visão que formaram da SADIA, sem abdicar do raciocínio feito até aqui, necessita outro percurso de análise.

4. Os Trabalhadores

Foi possível localizar e entrevistar sete homens que trabalharam na SADIA no período que vai da década de 1970 a 1990.

Todos eles, de um modo ou de outro, reafirmaram a boa reputação do frigorífico. Vieram de diferentes lugares. Rio Grande do Sul, interior do Paraná, estados do Nordeste. Diferente do que costumeiramente pensamos, gaúchos e catarinenses não eram maioria. Solteiros ou casados, eles buscaram Toledo na expectativa de encontrarem trabalho. Não vieram necessariamente atraídos pela SADIA. A motivação geral foi a busca por emprego. E também, de maneira geral, esperavam conseguir isso em Toledo porque ouviram de parentes, amigos ou conhecidos, boas notícias de lá. Se é possível falar nua rede de informantes é mais adequado imaginar uma comunicação casual, precária e muitas vezes desinteressada. Pelos relatos não era incomum um trabalhador chegar com a família e não contar com nenhum tipo de apoio, ninguém a lhe esperar. Esse tipo

⁹ AMADOR, J.P. et al. *Agronegócio Suinícola*. Disponível em: www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1999_A0452.pdf

ARTIGOS

de situação desenha uma parte importante do retrato dos trabalhadores que ingressaram na SADIÀ nos anos 70, permanecendo lá por longo tempo.

Um dos entrevistados saiu do norte de Minas em direção ao interior de São Paulo, apostando na colheita do café. Um ano depois, em 1970, ele e a esposa foram para Toledo. Ouviram que lá havia boa oportunidade de emprego. Sem se aprofundar, ele disse que ambos viveram de bicos durante meses, até ele ser contratado pela SADIÀ como servente de pedreiro. Sobre isso, dois pontos merecem destaque em sua fala.

O primeiro salário o deixou entusiasmado. Ocorreu-lhe que daquele pagamento em diante haveria estabilidade na renda, mesmo que fosse pequena a remuneração. Dois meses depois ele foi “fichado” na empresa como pedreiro, ato que confirmou seu desejo. Para quem perambulou sobre um cabo de enxada a vida quase que inteira, ele interpretou o frigorífico como uma saída daquele circuito. Havia ainda, em todo país, o sentimento de que as grandes empresas gozavam de maior fôlego do que as médias e pequenas, e isso podia ser visto como uma vantagem, principalmente com a perda do direito a estabilidade no emprego em 1966, reforma realizada pela ditadura militar que a substituiu por um pequeno depósito de indenização realizado mês a mês, denominado à época de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.

À distância conhecemos este episódio como um capítulo importante da história dos trabalhadores. No Brasil, numa visão mais próxima e sintonizada no tempo, o juízo que os trabalhadores faziam das poucas possibilidades ainda abertas para eles tornava o frigorífico uma boa solução. Em pouco tempo, um ano ou mais, o entrevistado disse ter sido promovido à função de auxiliar de produção, onde aprendeu a lidar com a carne suína e, mais tarde, com frango. Ao longo de sua trajetória tornou-se chefe de produção, cargo em que se aposentou no final dos anos 90. Resumido em seus grandes pontos, o fluxo desse trajeto é positivo. Sua vida se confunde com a da empresa. Ele reafirma a SADIÀ como um lugar de oportunidades e com solidez capaz de atravessar quatro décadas. A estruturação de sua vida e da família dependeu disso.

ARTIGOS

Ele e a esposa financiaram a formação de dois filhos, uma contadora e um programador de computação “que tem sua própria empresa”. O entrevistado, com 68 anos de idade em 2015 (ano em que realizamos dois encontros), ofereceu poucas brechas para uma leitura a contrapelo. As características do trabalho lá executado, adjetivado por ele como “duras”, indicam uma divergência, relativamente a trabalhadores que saíram ou foram demitidos, e outros que permaneceram embora se queixando das condições e do ritmo das tarefas.

Os demais entrevistados expressaram percurso semelhante, mas com uma zona maior de contradições, todas elas ligadas as relações de trabalho. Temas clássicos da Sociologia do Trabalho como a monotonia, a repetição das tarefas e as relações com a chefia foram citados, apesar de numa escala tímida. O trabalho caracterizado como difícil e pesado apareceu em primeiro plano no raciocínio de cada um. As carcaças eram corpulentas e os cortes exigiam força. Atividades repetidas e enfadonhas e potencialmente agressivas à saúde apareceram com a linha de corte de frangos em meados dos anos 80. O frio das câmaras e as escadas, dispostas numa planta produtiva pouca ou nada desenhada em função do conforto de quem trabalhava, esgarçavam a resistência dos trabalhadores.

A questão da autoridade fabril também foi mencionada, oscilando entre boas lembranças que afirmavam haver amizade entre subalternos e as chefias, e episódios que recordavam a distância que separava os trabalhadores dos chefes. Nesse último caso, as lembranças eram narradas em pequenos intervalos de tempo, parecidas com espasmos, verdadeiros atos falhos.

Na síntese possível, chefias são chefias. Elas necessitavam controlar seus subalternos e extrair deles o máximo de trabalho, evitando todo desperdício de tempo. Ditavam o ritmo da produção e também, por necessidade, negociavam seus limites todas as vezes que trabalhadores atingissem as fronteiras do insuportável. Desse ponto de vista, na maioria dos casos as relações de força implicavam uma aproximação social entre esses lados, fato que mantinha tráfego mais ou menos livre para diálogo entre eles utilizado visando a composição de interesses. No limite disso, a aceitação dos chefes nos círculos de trabalhadores não era sincera. Em

ARTIGOS

resumo, naquilo que interessa, as experiências analisadas indicam certo desconforto dos entrevistados em enquadrá-las na memória positiva exigida pela SADIA.

O segundo ponto examinado diz respeito às políticas de compensação aos trabalhadores devido a tais características do trabalho. Constituíram-se também um recurso para evitar ou diminuir o absenteísmo e a rotatividade.

Em 14 de dezembro de 1979, no jornal Tribuna d'Oeste, a SADIA financiou uma página inteira de publicidade, data da comemoração do aniversário de Toledo. Uma fração da página oferecia empregos para homens na função de auxiliar de frigorífico, auxiliar de fábrica de ração e servente de pedreiro. Pedia-se idade entre 18 e 35 anos, ótima constituição física e altura mínima de 1,60 metros. Para mulheres havia vagas de auxiliar de frigorífico, com idade entre 18 e 35 anos, solteira e altura mínima de 1,50 metros. A função de pintor exigia experiência e idade igual ou superior a 18 anos. Por fim, os auxiliares de granja deviam ser solteiros, com idade entre 18 e 35 anos e altura acima de 1,60 metros. A ergonomia da planta produtiva e das granjas determinava a altura especificada e a constituição física. Nas granjas, o estado civil decorria da necessidade de morar próximo às granjas em função da dedicação exclusiva de 24 horas com a manutenção das aves. Já as mulheres, o critério que excluía as casadas costumeiramente tentava se livrar do risco de lidar com grávidas e os direitos trabalhistas que as colocavam fora do trabalho por algum tempo. Compunha o conjunto dessas exigências o “atestado de boa conduta”, documento afiliado a ditadura militar.

O informe da SADIA terminava listando os benefícios oferecidos aos trabalhadores na intenção de recrutar-los. Assistência médica, assistência odontológica, refeitório a Cr\$ 10,00 por refeição (aproximadamente 8 reais em valores de 2017), seguro de vida, convênio com farmácia, associação esportiva e recreativa, complementação de aposentadoria, convênio com a Transtol (transporte coletivo). Antes de 1979, a SADIA incluía nesta lista facilidades para a compra da casa própria por meio do programa de financiamento de habitação da Caixa Econômica Federal. No contexto econômico de aumento da informalidade no

ARTIGOS

mundo do trabalho, a SADIA não oferecia pouca coisa, mesmo se considerarmos a existência de conflitos trabalhistas envolvendo pagamento de horas extras, por exemplo.

É possível e necessário avaliar a hierarquia das ocupações na SADIA comparando-as no interior da estratificação do mercado de trabalho local (referido conceitualmente numa linguagem weberiana). Nesse enquadramento seriam duas as formas de estratificação. A classe, definida no âmbito das relações de produção, vistas de acordo com a posição ocupada no mercado de trabalho, e o status correspondente à profissão ou a função desempenhada, equivalente à posição da pessoa no processo de trabalho¹⁰. Considerando que no frigorífico existia uma diversidade de funções, uma malha salarial com algumas variações (embora todas elas muito próximas do salário mínimo), o estrato recortado para análise engloba as ocupações manuais, particularmente aquelas localizadas na linha de produção. Elas correspondiam a 90% de toda força de trabalho.

Ainda sobre isso, cabe avaliar que a população residente nas cidades da região Oeste do Paraná, no ano de 1970, não excedia 20%, fato que dificultava o recrutamento de trabalhadores para o trabalho urbano. Toledo registrou naquele mesmo ano uma população rural de 78,24%, o que significava 15 mil moradores na cidade frente um total de 50 mil habitantes. A população do campo representava mais de três vezes o número de habitantes da cidade¹¹.

Do ponto de vista dos empregadores a disponibilidade de mão de obra não era animadora. No período de 1975 a 1980, relativamente aos deslocamentos internos ao Paraná, as saídas empataram com as entradas, representadas por 4.235 pessoas emigradas contra 4.989 pessoas imigradas. Porém, no mesmo período, as estatísticas referentes aos deslocamentos interestaduais registraram a chegada 2.347 pessoas em Toledo, contra a saída de 12.544 pessoas de Toledo para outros estados, restando uma diferença líquida negativa de 10.197. Foi este número que

¹⁰ WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 682-694.

¹¹ CENSO DEMOGRÁFICO 2010. *Características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf>. Acesso em: abr. 2013.

ARTIGOS

pressionou a SADIÀ a rapidamente formar um “estoque” de trabalhadores na cidade¹².

A produção acadêmica sobre a demografia da região informa que tais saídas tiveram como destino a “expansão da nova fronteira agrícola, constituída principalmente pelos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia”. Existe muita verdade nessa afirmação desde que se considere a diversidade social das pessoas que migraram. Não foram para lá somente os que tinham capital para investir na compra de terras e no cultivo de monoculturas. Uma grande parte, ainda que seja impossível estimar um número exato, imigrou na condição de pessoas proletarizadas e pressionadas pelos baixos salários praticados em Toledo. As classes dominantes praticavam, de forma cartelizada, o mesmo teto salarial, operação que formatava um mercado de trabalho bastante controlado. Esta situação não se modificava noutros municípios do Oeste do estado. Isso formava um tipo de mercado de trabalho cuja dinâmica era “inercial”. Não importa se os postos de trabalho aumentaram ou diminuíram, a média salarial permanecia a mesma. Tal equação funcionava como uma alavanca de acumulação de capital progressiva, com poucas e pequenas interrupções em seus índices.¹³

Esta política do patronato exerceu alguma pressão sobre os trabalhadores. As informações extraídas em entrevistas formais e informais apontaram para uma média salarial, na indústria e no comércio, de pouco mais de um salário mínimo, num quadro crescente de aumento da massa da mais-valia e da acumulação de capital. Dificilmente a remuneração ultrapassava dois salários, o que acontecia em funções burocráticas e intelectuais, como professores, bancários, contadores, gerentes e grande parte dos servidores públicos. Os menores salários ficavam com os trabalhadores do campo, muitos deles continuamente substituídos pela intensa mecanização. Para evitar a rotatividade e o absenteísmo, a SADIÀ ofereceu serviços

¹² ALVES, Lucir R. et al. Reestruturação da Distribuição Populacional e Econômica do Oeste do Paraná, rebatimentos empregatícios e migratórios. *Informe Gepec*, Toledo, v. 15, número especial, p.203-221, 2011, p.210.

¹³ BOSI, Antônio de P. Acumulação de Capital e Trabalho na Agroindústria no Oeste do Paraná (1960-2010). In *História Unisinos*. 20(1):94-106, Janeiro/Abril, 2016, p. 104. Unisinos – doi: 10.4013/htu.2016.201.09.

ARTIGOS

que se somavam aos salários. Tal expediente tornava os postos de trabalho atrativos, embora, na prática, deixasse os trabalhadores ligeiramente à frente dos demais para não se apertarem muito com as contas.

Os entrevistados que ajudaram a informar formar esse quadro devem ser vistos e entendidos como trabalhadores aposentados e remanescentes dos anos 70 e 80. É um pequeno grupo cuja memória alinha contradições decorrentes de distintas sensibilidades ligadas ao trabalho, ora boas, ora ruins, as quais eles escolheram não renunciar. Nesse ponto suas histórias de vida iluminam áreas que explicam sua permanência no frigorífico, mas que não ajudam a pensar as decisões de muitos trabalhadores que seguiram por diferentes caminhos, desistindo da SADIÁ ou escolhendo outra empresa. Não há como abordar e analisar esse tipo de experiência aqui.

Um elemento comum aos que ficaram é a certeza de que as ocupações progressas se mostraram piores do que o trabalho na SADIÁ. A privação frequentemente constitutiva dos lugares de onde saíram (regiões pobres do interior do Paraná, Minas Gerais e estados do Nordeste) espantava dúvidas sobre se a decisão tomada era correta ou não, funcional ou não face ao abandono da sociabilidade estruturada há tempos. Nesse contexto é que devemos posicionar os esforços de recrutamento da SADIÁ. Os entrevistados, todos eles migrantes, contaram que trabalharam como serventes de pedreiro, na limpeza de fossa, “chapas”, enfim, diversas ocupações temporárias. Para eles não pareceu possível – ou desejável – resistir a necessidade de migrar. Até mesmo as ocupações intermitentes que conseguiram em Toledo se mostraram piores do que o lugar de onde vieram. Do ponto de vista da SADIÁ esse tipo de combinação lhe favoreceu nos anos 70.

Certamente esta é uma leitura positiva que os entrevistados fazem de suas vidas. É um tipo de retrospectiva que reflete a ideia de sucesso. É verdadeiro que ela comporta contradições importantes como a sistemática exaustão no trabalho na SADIÁ. Ainda que seus relatos indiquem que, depois da década de 1990, que se tornaram piores os ritmos e a organização do trabalho e a relação com os

ARTIGOS

superiores, a experiência vivida nos anos anteriores se estruturou em constantes pressões para aumentar a produtividade. Ao lado disso, *parte* das condições de trabalho – como a insalubridade causada pelas baixas temperaturas – ainda se equiparava a realidade dos frigoríficos do início do século passado¹⁴. Mas, como argumentei, sob a perspectiva dos trabalhadores, suas vidas na fábrica não foram interpretadas – e traduzidas nas entrevistas – como negativas. Esta é a última questão que abordarei aqui e, talvez, a mais difícil.

No contexto do capitalismo uma trajetória exitosa necessita evidência material legível para que os pares possam conferi-la e legitima-la, mesmo que seja interpretada com ressentimento. No caso dos entrevistados casa e carro figuravam como prova de um percurso exitoso. Filhos escolarizados e posicionados no mercado de trabalho, com “carteira assinada” são uma evidência que reforça o sucesso dos pais. Ao lado desses predicados, um dos elementos mais importantes na construção de tal status é o trabalhador se ver ligado ao curso triunfante de uma empresa.

Nesse caso, a especificidade histórica dos trabalhadores da SADIA diz respeito às experiências comuns vividas por eles, constituídas, principalmente, por uma visão positiva das relações de trabalho e de serviços prestados pelo frigorífico, listados. E nesse contexto, a amarração dos trabalhadores ao frigorífico é aceita de tal forma que se torna difícil de deslindar. Inicialmente criada pelo frigorífico, tal política foi em parte elaborada e organizada a partir de experiências historicamente precedentes, sacadas de repertórios de outros frigoríficos ligados a SADIA já estruturados e com a força de trabalho razoavelmente estabilizada. Para a empresa tratava-se de diminuir o absenteísmo e a rotatividade. Para o trabalhador contavam condições de trabalho e salários aceitáveis, considerados bons na comparação com outras empresas da cidade. Além disso, havia um bom fluxo de comunicação com os gerentes que possibilitava que pequenos pedidos e reclamações tivesse vazão e, às vezes, fossem atendidos.

¹⁴ SINCLAIR, Upton. *The Jungle*. Harmondsworth: Penguin Modern Classics, 1965.

ARTIGOS

Paralelo a isso, queixavam-se contra a sobrecarga de trabalho e o ritmo das tarefas. Tais reclamações aparecem vez ou outra nas entrevistas, rompendo ou interditando brevemente o curso positivo das narrativas. Este é um tipo de contestação que os entrevistados tentam contornar retomando ou iniciando outro assunto após risos constrangidos, silêncios desconcertantes, gaguejos, recursos que denunciam atos falhos. São sinais tímidos nas entrevistas – embora frequentes – que desorganizaram precisamente os pontos de vista dos entrevistados. A constância desses reclamos - externados de forma breve e intermitente – avaliza pensar que a memória desses trabalhadores não suprimiu lembranças negativas conectadas às experiências de trabalho no frigorífico da SADI. E, devo ser claro, essa não é uma característica específica desses trabalhadores, senão um traço estruturante de narrativas que articulam uma determinada consciência da exploração do trabalho e da posição subalterna no contexto de relações sociais vividas à quente.

O fato de essas lembranças aflorarem sem planejamento, com pouco ou nenhum cuidado, sem premeditação, as torna importantes para compreender o mundo do trabalho naquele frigorífico. Na verdade, no ato da entrevista, tais recordações não são sequer autorizadas. Seu aparecimento desestabiliza o sentido positivo da narrativa pretendido pelo entrevistado, exceto nos casos em que o cansaço resultante de tarefas duras e difíceis é apresentado como prova de uma ética e de uma moral ascéticas. Mas nesse caso não foi possível conferir as raízes desse comportamento que liga certos trabalhadores a algum tipo de recompensa devido ao trabalho realizado com diligência. Nesse ponto, para eles o cansaço ou os pequenos acidentes no trabalho são encarados como naturais, pois nesse ideário a dor e sofrimento atestam um vínculo positivo com o trabalho. Mas este não é um aspecto específico da cultura daqueles trabalhadores.

Mas há situações mais claras em que os trabalhadores do frigorífico participavam do encobrimento de fatos indesejáveis, como a morte no trabalho. Apesar de os entrevistados não terem mencionado ou lembrado de fatos dessa natureza, um caso foi registrado em Inquérito Policial na Comarca de Toledo,

ARTIGOS

aberto em 1971 e encerrado em 1972, sobre um acidente no Frigorífico Pioneiro (Frigobrás) que resultou na morte de um trabalhador¹⁵. Inicialmente esclareço que considere esse documento no contexto dos diferentes relatos que o compuseram, sua cronologia, o laudo pericial, os testemunhos e demais peças que o formaram e o informaram. Esse procedimento permitiu investigar a história da produção do documento de modo a examinar criticamente a intencionalidade das narrativas e uma dimensão das relações e das condições de trabalho no frigorífico.

Em tempo algum esperem aqui uma abordagem técnica a respeito desse documento porque não é exatamente o aspecto forense que interessa centralmente, mas o aspecto histórico e a função política e social que informam um inquérito policial e um processo judicial. Delegados, escrivães e juízes não agem imparcialmente na condução de tais documentos, e isso é inequívoco para os historiadores. Nesta direção antecipo meu argumento. A hipótese formulada após a leitura do documento vê alguma conjugação de interesses entre os representantes da lei e a direção do frigorífico. Em se tratando dos três trabalhadores que testemunharam devemos considera-los de dois pontos de vista. Eles aparecem como testemunhas oculares do acidente e também como subalternos da direção do frigorífico.

O processo é constituído de vinte e seis páginas e oito peças individuais. São elas: (i) a determinação para a abertura do inquérito, (ii) a convocação de dois médicos para o “exame cadavérico” e o termo de promessa legal dos médicos, (iii) o laudo médico, (iv) o auto de descrição do local do acidente, (v) os três testemunhos, (vi) o relatório do delegado e (vii) o parecer da promotoria pública e (viii) o arquivamento. Todo inquérito policial começa com a deliberação de abri-lo e com um enunciado que circunstancia o objeto do inquérito. Nessa parte inicial do inquérito o enunciado do acidente de trabalho ocorrido no frigorífico se apresenta como uma descrição elaborada pelo delegado de polícia a partir de informação “chegada ao conhecimento desta autoridade”.

¹⁵ As datas e os nomes dos envolvidos no Inquérito foram alterados com o objetivo de resguardar as respectivas identidades.

ARTIGOS

A síntese feita pelo Delegado Regional de Polícia tem poucas linhas e esclarece que Raimundo Pereira se acidentou “por volta das 14:20 horas” carregando um traseiro bovino congelado e que faleceu no hospital, minutos depois de ter sido socorrido. Em seguida, são intimados dois médicos para a peritagem, o diretor do frigorífico e nominalmente três trabalhadores que teriam testemunhado o acontecido. Ainda no dia do acidente o delegado e o escrivão foram até o frigorífico para examinarem o local do acidente. Naquela ocasião eles registraram que “existe um pequeno declive na passagem para o corredor por onde os traseiros de bovinos são transportados” e que ali, normalmente “caem sangue, graxas e gelo”. Definido o cenário do acidente eles afirmaram que o trabalhador escorregou e a peça de carne congelada lhe esmagou o crânio. Na construção do fato o delegado considerou o cenário visitado, a informação inicial no inquérito e o laudo médico que declarou ter havido esmagamento do crânio “com perda de substância encefálica e protrusão do olho esquerdo devido a enorme derrame de intracraniano.” Destaca-se no laudo a frase “o acidente deu-se *acidentalmente*”, ou seja, sutilmente isentada a empresa, o escorregão do trabalhador não passou de um acaso.

O inquérito nos conta pouquíssima coisa de Raimundo, esse era o seu nome. Sabe-se que tinha esposa e que trabalhava há pouco tempo no frigorífico. As declarações e os depoimentos realizados no inquérito citam as condições movediças do piso no frigorífico e a consideram como uma característica permanente do corredor que liga a câmara fria até os caminhões que transportavam a carne congelada que ia para o exterior. Soma-se a este ponto a afirmação de um dos depoentes sobre ter escorregado anteriormente ao acidente que sofreu Raimundo, soltando a carne congelada que trazia num dos ombros e se salvando, fato que motivou o chefe da seção a avisar a todos “que se cuidassem, pois aquele local estava escorregadio”.

Interligados esses argumentos, o inquérito sugere que Raimundo ainda não estava inteiramente apto àquele trabalho uma vez que tinha pouco tempo na firma. Ao mesmo tempo, ele e os demais trabalhadores haviam sido avisados a respeito

ARTIGOS

da zona de perigo naquela travessia. Essa lógica comandou o processo e, de acordo com ela, Raimundo seria o responsável por seu acidente. A insalubridade e periculosidade que caracterizavam claramente aquelas condições de trabalho foram naturalizadas, desobrigando o frigorífico pela morte de Raimundo. Interpretadas assim pelo delegado e pelo Juiz, o erro foi de Raimundo.

De modo geral, pode-se dizer que o inquérito isenta a empresa em relação ao acidente e, por consequência, a protege de uma ação judicial que reclamasse uma indenização pela morte de Raimundo. O ponto central dessa ideia é a circunstância do acidente. O escorregão acontecera em local movediço, repleto de graxa, sangue e gelo. Este mesmo argumento serviria como prova de periculosidade e insalubridade contra o frigorífico. Qualquer brecha no inquérito deveria ser tapada de tal modo que os testemunhos precisariam expressar uma compreensão comum acerca do acidente. Isto foi feito, mas restaram pequenas contradições e registros que podem ser interpretados como indícios que rejeitam a ideia de que Raimundo fora culpado por sua própria morte.

Uma pergunta relevante acerca disso consideraria a legislação trabalhista em vigor à época, que organizava, esclarecia e determinava os deveres da empresa e do Estado (por meio do Instituto Nacional de Previdência Social) em situações como a de Raimundo. A Lei nº 5.316, de 14 de Setembro de 1967, reformou o sistema de seguridade ao integrar o seguro de acidentes do trabalho à previdência social. Com isso ela definiu as responsabilidades do Estado e das empresas em relação aos casos de acidentes de trabalho. Esta lei estabeleceu um seguro obrigatório para trabalhadores acidentados que estivessem vinculados ao INPS e estipulou valores percentuais para pensões por invalidez e morte. As empresas recolheriam 0,4% a 0,8% sobre a folha de salários com o objetivo de cobrir despesas com acidentes do trabalho, considerado o ramo e o tipo da empresa. De resto, o Estado se encarregaria da totalidade dos gastos médicos e hospitalares, tratamentos a longo prazo e pensão por morte ou invalidez. Tratou-se então de uma estatização das despesas com acidentes do trabalho, de modo que o frigorífico, igualmente a todas empresas, estaria protegido contra o pagamento de qualquer despesa com

ARTIGOS

Raimundo. Exceto se ficasse óbvia a responsabilidade do frigorífico naquele escorregão em terreno irregular e coberto de graxa, água e sangue.

Há detalhes na declaração do diretor do frigorífico sobre as circunstâncias do acidente e das providências tomadas. No termo de declaração prestada dois dias depois da morte de Raimundo o diretor se mostrou meticuloso ao dizer que “determinou que a vítima fosse transportada ao hospital a fim de ser medicado” e que fizera “as comunicações às autoridades policiais e ao INPS”. É possível que tais esclarecimentos visassem afastar eventuais desconfianças acerca de um comportamento negligente da empresa.

A presença do capital e do aparato policial e jurídico nesse caso determinou fortemente a culpa de Raimundo no acidente. As transcrições dos depoimentos dos três trabalhadores que viram tudo concordam com a descrição apresentada pelo diretor do frigorífico no dia do ocorrido, inclusive o horário. Não há contradições legíveis nas peças que compõem o inquérito. Até mesmo a única discordância relevante no inquérito – sobre quem socorreu Raimundo – não prospera sob o olhar investigativo. Certo é que o delegado e as testemunhas se fiaram na ordem dos fatos apresentada inicialmente pelo diretor do frigorífico, terminando por reafirmá-la. “O acidente deu-se *acidentalmente*”.

5. Conclusões

Há três pontos sobre os quais posso propor um desfecho. Primeiramente, a publicidade da SADIA em Toledo e as narrativas dos entrevistados evidenciam a existência de uma política de recrutamento de trabalhadores na década de 1970 motivada pela insuficiência da força de trabalho disponível.

Em segundo lugar, a memória dos trabalhadores confirmou o prestígio do frigorífico. Ao mesmo tempo, curtos trechos na reflexão dos entrevistados indicaram contradições no desenho positivo que fizeram da empresa. Aspectos considerados ruins na rotina e nas tarefas ligadas ao trabalho contrastaram com a imagem genericamente favorável a SADIA.

ARTIGOS

Por último, a análise do inquérito policial que tentou explicar a morte de Raimundo sugere que as classes dominantes articulavam sujeitos sociais economicamente antagônicos. Três trabalhadores foram acionados para confirmar a narrativa do diretor sobre o acidente. Conforme registrado no inquérito a queda decorreu de um escorregão de Raimundo e não da ameaça constituída no piso movediço, encharcado de graxa, sangue e gelo. Juntos, os pares de Raimundo, talvez embaraçados na perspectiva do diretor, contribuíram para encobrir a responsabilidade da empresa relativamente à morte no trabalho.

Recebido em: 10/03/2018
Aprovado em: 07/10/2018